

Um tesouro no lixo

ERICA MONTENEGRO

DA EQUIPE DO CORREIO

Apesar de o lixo brasileiro ser um dos mais ricos do país, a coleta seletiva e a reciclagem ainda não viraram prática na cidade inventada. Revirando lixeiras em superquadras da área nobre do Distrito Federal e pesando tudo que encontrava, o engenheiro florestal Benício de Melo Filho, calculou que, por semana, a população do Plano Piloto deixa de ganhar pelo menos R\$ 75 mil em lixo que poderia ser vendido para as indústrias de reciclagem.

“Vivemos a cultura do desperdício e da completa desatenção ao meio ambiente”, reclama Benício de Melo Filho, que acaba de lançar o livro *O valor econômico e social do lixo de Brasília*, fruto de tese de mestrado defendida na Universidade de Brasília (UnB). Ao examinar o lixo de 10 superquadras da Asa Sul (104, 112, 203, 209, 304, 315,

406, 410, 708 e 709), o engenheiro florestal chegou a dados que podem ser extrapolados para todo o Plano Piloto.

A quantidade média de lixo produzida por habitante equivale a 550g por dia, sendo que mais de 50% deste total é composto por matéria orgânica, ou seja, restos de alimentos (veja quadro na página 36). “Encontrei muita comida e bebida. Garrafas de vinho pela metade e produtos cujo prazo de validade tinha acabado de vencer”, relata Melo Filho. A grande quantidade e o alto valor do lixo brasileiro devem ser atribuídos ao potencial de consumo da população — uma das mais prósperas do país, com renda per capita média de R\$ 2.324. “É uma cidade de renda alta. Quanto maior a renda, maiores e melhores são os descartes pela população”, explica.

Apesar de a matéria orgânica também ser passível de transformação, o que mais chamou a

atenção do pesquisador foi a quantidade de papéis, plásticos, metais e vidros jogados fora. Somados, os objetos feitos a partir dessas matérias-primas representam 34% do lixo doméstico do Plano Piloto. Por serem componentes com valor de mercado para as indústrias de reciclagem, a conclusão de Melo Filho é que os brasilienses desperdiçam dinheiro ao não comercializá-los.

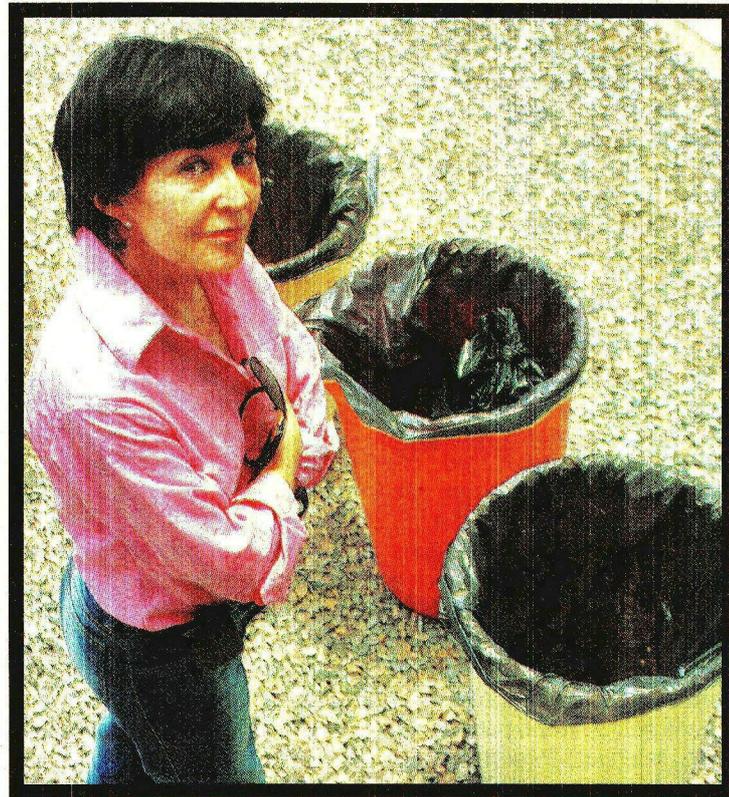
Muitas dificuldades

Nos cálculos dele, cada quadra poderia ganhar R\$ 592,62 por semana ao fazer a coleta seletiva. “O aproveitamento do lixo é feito apenas pelos catadores de uma forma muito pouco organizada. O poder público ainda não assumiu a responsabilidade de viabilizar a reciclagem no Distrito Federal”, reclama o pesquisador. O Sindicondomínios, que presta assessoria aos prédios e condomínios do DF, não tem conhecimento de ne-

nhum edifício no DF que faça a venda de lixo produzido com vistas a baratear os custos de manutenção. E quem faz reciclagem por iniciativa própria, como a professora Luíza Fernandes Bautista, desiste no meio do caminho, tamanhas as dificuldades.

Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB e especialista em gestão ambiental, Maria do Carmo Bezerra concorda com Melo Filho quanto à necessidade do poder público tomar providências. “Não adianta exigir que a população tenha uma postura responsável em relação à reciclagem, se a coleta seletiva e o reaproveitamento do lixo não são uma realidade na cidade”, avalia. Para ela, esse avanço depende de mobilização social, gestão pública e existência de mercado comprador. “É uma idéia que precisa ser assumida por toda a cidade, caso contrário, não funciona”, opina.

Marcelo Ferreira/CB



LUÍZA BAUTISTA BEM QUE TENTOU A RECICLAGEM, MAS NÃO TEVE APOIO